



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

A PROBLEMÁTICA DA LIBERDADE E A LITERATURA ENGAJADA

Lucas do Prado¹

Resumo: Neste estudo, buscaremos reconstruir de forma breve a interpretação de literatura para Jean-Paul Charles Aymard Sartre, descrita no livro *Qu'est ce que la littérature?* (*Que é a literatura?*). Para que isso seja possível, procuraremos compreender a construção da ideia sartreana sobre a literatura e como o escritor e sua obra se relacionam e dependem do seu público e do ato da leitura, ou seja, por que esta relação entre escritor e leitor é de fundamental importância na concepção de Sartre para a construção da literatura. Após compreensão da construção feita por Sartre, entre escritor e o leitor, tentaremos averiguar alguns pontos de sua interpretação semântica da literatura feita no momento de sua escrita, o século XX. Buscaremos analisar se a exegese do texto ainda conta com contribuições temáticas que até o presente momento ainda possamos usar, ou se a explanação de Sartre ficou como uma relíquia do passado ou uma estrela literária em eclipse.

Palavras-chave: Sartre; literatura; liberdade.

CONTATO LITERÁRIO

Jean Paul Sartre foi um filósofo, escritor, ativista político francês e um dos maiores representantes do existencialismo no século XX. Nasceu no dia 21 de Junho de 1905 em Paris, na França, filho de Jean Baptiste Marie Aymard Sartre² e Anne-Marie Sartre.³ Jean Paul Sartre cresceu em uma família pequeno-burguesa⁴, se desenvolve tendo contato com a literatura desde sua infância. Sartre recorda isso em uma entrevista/documentário sobre sua vida, no programa *Especiales Encuentro*, transmitido pela rede de televisão Argentina *Encuentro* no ano de 1967.

Desde criança, já lia e escrevia com certa veemência. “Sartre escreveu seu primeiro romance com a idade de 7 anos: era uma história de aventuras chamada *Pour un papillon* (*Por uma borboleta*)” (MORRIS, 2009, p. 22), mostrava-se ali a originalidade de uma criança de sete anos que futuramente tornar-se-ia um expoente, não apenas da filosofia como também da literatura. Segundo Morris, Sartre ganharia um prêmio Nobel de Literatura no ano de 1964 e o recusaria. Posteriormente J. P Sartre explica o porquê de sua recusa a honraria do prêmio em um texto intitulado “O escritor deveria recusar deixar ser transformado em uma instituição” (2009, p. 24).

¹ Graduado em História (Licenciatura) pela Universidade de Passo Fundo. Mestrando do Programa de Pós Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. lucazsoad@gmail.com.

² Era oficial da Marinha francesa e que acaba por falecer quando Sartre tinha apenas dois (2) anos de idade.

³ Após a morte de seu marido, muda-se a Meudon, cidade francesa e juntamente com Sartre, passam a morar com seus pais.

⁴ É um termo usado na teoria marxista para designar a classe média, estão acima dos proletariados e abaixo dos burgueses.



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo



Sartre propalava sua filosofia em romances e teatro, o que, para István Mészáros, é visto como algo positivo, pelo caráter de intensificar a demonstração de seu pensamento, então “desde o início, a obra de Sartre caracterizou-se por um esforço consciente para combinar filosofia e literatura a fim de intensificar os poderes de persuasão e demonstração” (MÉSZÁROS, 2005, p. 25). Mas esta característica não fora vista com bons olhos por Raymond Aron⁵, que em tempos foi companheiro de Sartre e posteriormente tornou-se em um de seus maiores críticos. Aron, em seu livro *D'une sainte famille à l'autre*, (*De uma sagrada família a outra*) fez inúmeras críticas as obras de Sartre, por incluir sua filosofia em romances e peças teatros. Desta forma Aron expõe que em Kierkegaard e em Nietzsche o existencialismo ainda mantem-se “nos limites de uma grande e séria filosofia, [mas] torna-se com Sartre, uma roleta russa cínica e frívola. Não é um acaso, no final das contas, que Sartre distribua seu existencialismo em romances e dramas e que explore comercialmente no teatro” (ARON, 1970, p. 16-17). Como pudemos ver, são duas interpretações dissemelhantes, mas não cabe a este estudo aponta-las como alegações corretas ou erradas do ponto de vista interpretativo. Serve apenas como suporte para notarmos que a relação de Sartre e a literatura fora profusamente contestada.

A vida de Sartre fora uma vida polêmica, fez-se do estrelato ao eclipse. Sartre destacou-se como o “intelectual engajado”. E teve tanto em sua vida pessoal como vida pública uma relação muito forte com a literatura, como pudemos ver com seu contato com a mesma desde muito cedo, então fez-se necessário compreendermos como a literatura fora vista por Sartre, e também se esta interpretação sartreana de literatura ainda tem algo a nos contribuir contemporaneamente.

O LITERÁRIO

Como sentem-se os escritores ao iniciarem suas obras, independente de tamanho, estrutura, aprofundamento e complexidade, quais seriam suas motivações e objetivos a serem alcançados ao derramarem tinta das pontas de suas penas. Seria apenas alguma maneira de tentar engendrar inúmeras amarras soltas em suas mentes; em certos casos uma auto afirmação

⁵ Foi um filósofo, sociólogo, comentarista político francês.



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

de intelectualidade; transbordar sentimentos reprimidos do fundo de sua inconsciência, ou quem sabe apenas uma inspiração que pode ser advinda do divino. Pois vejamos, temos como exemplo Tucídides⁶, o qual recebia revelações sobrenaturais sobre a guerra do Peloponeso provenientes de sua musa, a Deusa Grega Clío⁷. Esta é uma prerrogativa inicial quando se pensa sobre a função do literato ao fazer literatura. Qual seria seu principal papel em uma sociedade; para que ela serve de fato; o que se almeja ao prostrar-se sobre a mesa e dedicar horas infindas em uma coisa que não se tem a certeza nem a convicção de que será finalizada, de que será lida ou de que será remunerado por este esforço, visto que para Sartre, “o escritor não é pago; é alimentado, mais ou menos bem, segundo a época” (SARTRE, 2004, p. 65). Mas mesmo com todas essas prerrogativas contraproducentes o que levaria o sujeito a escrever, Sartre expõe que “ninguém é obrigado a escolher-se escritor. Assim, na origem está a liberdade: sou escritor em primeiro lugar por meu livre projeto de escrever.” (SARTRE, 2004, p. 62).

Como pudemos notar, não é uma imposição ou obrigação a escolha do ato da escrita, mas quando a fazemos, de que modo poderíamos ter a capacidade de sabermos em que momento uma obra está verdadeiramente em seu pináculo de potencial e finalizada? Alguns diriam que quando sente-se orgulho do que foi feito. Mas observemos, “Um pintor aprendiz perguntou ao seu mestre: ‘Quando devo considerar concluído meu quadro?’ E o mestre respondeu: ‘Quando você puder olhá-lo com surpresa, dizendo: Fui eu que fiz isso!’” (SARTRE, 2004, p. 34). Em outras palavras, em momento algum, visto que para alcançar esta satisfação, necessitar-se-ia de um público uma vez que teria de se observar a obra feita por si com o olhar de outrem para que se torne possível este contentamento.

E quando tratasse da escrita, quando se assume a liberdade do papel de escritor, por mais que quem a faça não seja genuinamente um William Shakespeare, não deve se levar em consideração a hipótese de que com sua obra irá alcançar um teto máximo de leitores, mesmo sabendo de antemão que quem a leia sejam apenas alguns. Neste caso entra em questão a

⁶ Tucídides, foi um historiador da Grécia Antiga. Profusamente conhecido por escrever a História da Guerra do Peloponeso, que conta a guerra entre Esparta e Atenas ocorrida entre 431 e 404 a.C. Esse conflito militar durou 27 anos e terminou com a vitória de Esparta.

⁷ O nome significa “Proclamadora. Filha de Zeus e Mnemosine, é uma das nove musas da mitologia grega, considerada Musa da História.



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

problemática do público real e do público virtual⁸, mas ademais disso, ele deve levar em consideração a possibilidade de o que de fato aconteceria caso todo o mundo lesse sua obra.

O escritor quando decide escrever, deve desvendar não apenas o mundo mas também o homem para os próprios homens, se fala ou não, levando em conta que não falar é uma escolha, é uma forma de se recusar a falar, então ainda é fala, ou seja, não é apenas pela simples decisão de dizer coisas, mas sim pela maneira de como as diz, acrescenta Sartre:

Do mesmo modo, a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente dele. E uma vez engajado no universo da linguagem, não pode nunca mais fingir que não sabe falar: quem entra no universo dos significados, não consegue mais sair; deixemos as palavras se organizarem em liberdade, e elas formarão frases, e cada frase contém a linguagem toda e remete a todo o universo; o próprio silêncio se define em relação às palavras, assim como a pausa, em música, ganha o seu sentido a partir dos grupos de notas que a circundam. (SARTRE, 2004, p. 22)

Para Sartre, um dos principais motivos para a criação artística é certamente a necessidade de nos sentirmos essenciais em relação ao mundo, o objeto criado pelo escritor, já não se encontra mais em seu alcance uma vez que o faz para o mundo, e não para si, dessa forma “Não é verdade, pois, que o escritor escreva para si mesmo: seria o pior fracasso; projetar as próprias emoções no papel resultaria, quando muito, em dar-lhes um prolongamento enlanguescido” (SARTRE, 2004, p. 36).

A função de escrever carece também do ato da leitura, visto que à partir do momento que se escreve necessita-se de alguém que leia o que se foi escrito, desta forma, trazendo à tona duas figuras distintas: o autor e o leitor, sendo esse “o esforço conjugado do autor com o leitor que fará surgir esse objeto concreto e imaginário que a é a obra do espírito. Só existe arte por e para outrem” (SARTRE, 2004, p. 37). E uma vez que escrevemos para outrem, também se necessita de um pacto de generosidade entre leitor e escritor “Essa confiança já é, em si mesma, generosidade: ninguém pode obrigar o autor a crer que o leitor fará uso da sua liberdade; ninguém pode obrigar o leitor a crer que o autor fez uso da sua. É uma decisão livre que cada um deles toma independentemente” (SARTRE, 2004, p. 46).

⁸ Neste caso não abriremos prerrogativas para a discussão de público real e público virtual. Ver Sartre, Que é a Literatura.



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo



Como visto, a criação literária só encontra uma finalidade de fato quando entra em contato com o leitor, quando é lida, dessa forma o artista deve confiar ao leitor a obra que iniciou, para que assim através da consciência do leitor ele possa sentir-se essencial para a sua escrita assim, “essa criação dirigida é um começo absoluto, ela é operada pela liberdade do leitor, naquilo que essa liberdade tem de mais puro. Assim o escritor apela à liberdade do leitor para que esta colabore na produção de sua obra” (SARTRE, 2004, p. 39). Dessa forma a obra, não seria como a agulha de uma bússola, da qual aponta o norte, uma ferramenta criada para um determinado fim, ela serviria para o fim como a liberdade do leitor, o apresentando o mundo como ele é como se tivesse precedido na liberdade do homem, contribui Sartre:

Assim, o autor escreve para se dirigir à liberdade dos leitores, e a solicita para fazer existir sua obra. Mas não se limita a isso e exige também que eles retribuam essa confiança neles depositada, que reconheçam a liberdade criadora do autor e a solicitem, por sua vez, através de um apelo simétrico e inverso. Aqui aparece então o outro paradoxo dialético da leitura: quanto mais experimentamos a nossa liberdade, mais reconhecemos a do outro, quanto mais ele exige de nós, mais exigimos dele. (SARTRE, 2004, p. 43).

Sartre insiste que a obra de arte é uma ato de confiança na liberdade dos homens, assim sendo também com a da arte de escrever de modo que “escrever é, pois ao mesmo tempo desvendar o mundo e propô-lo como uma tarefa à generosidade do leitor” (SARTRE, 2000, p. 49), assim, concluindo a troca de generosidades entre autor e leitor, um reconhecendo a liberdade do outro, o autor reconhecendo a liberdade do leitor uma vez que escreve já se sabe de antemão da liberdade de quem lê seus escritos e do leitor para com o autor uma vez que embarca na leitura, desta forma, de dois modos é um ato de confiança na liberdade do outro. Assim transformando a obra em uma apresentação imaginária do mundo na medida que exige a liberdade humana, pois, para Sartre o homem livre se dirige a outros homens livres, visando unicamente a ideia da liberdade, a literatura, a escrita seriam então um desejo de liberdade, afirma Sartre, “a obra de arte, vista de qualquer ângulo, é um ato de confiança na liberdade dos homens” (SARTRE, 2004, p. 51).

Sartre defende o literário como um artista que deve ser engajado, mas de que forma? Em nossa análise, interpretamos como, defendendo a liberdade cotidiana do ser no mundo, se engajando em lutas ou causas. Dessa forma, chegamos a um ponto igualmente importante da



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

argumentação sartreana: para quem se escreve? Esta premissa julgamos já termos comentado, tratando-se do leitor universal uma vez que se escreve sem visar um teto máximo de leitores, mas o escritor também “fala a seus contemporâneos, a seus compatriotas, a seus irmão de raça ou de classe” (SARTRE, 2004, p. 56). Desta forma o literário engajado seria aquele quem faz o engajamento passar de si para o outro, assim sendo o engajamento o ponto de ligação entre autor e leitor.

Ao apresentar ao outro, o escritor expõe a sociedade sua própria imagem, uma vez que leitura e escrita compartilham de duas faces da mesma moeda, ou da mesma situação histórica. Deste modo “A liberdade não é, propriamente falando; ela se conquista numa situação histórica; cada livro propõe uma libertação concreta a partir de uma alienação particular”. (SARTRE, 2004, p. 57).

Porém, vejamos, mesmo com toda essa carga de engajamento que o escritor carrega consigo, ainda para Sartre, o escritor seria inútil e por muitas vezes até perigoso, visto que ele ao escrever faz com que a sociedade ou o outro se veja, então cabe ao outro aceitar as regras impostas pelas instituições sociais vigentes ou afronta-las. Deste modo “perde o equilíbrio que a ignorância lhe proporcionava, oscila ente a vergonha e o cinismo, pratica a má-fé; assim, o escritor dá à sociedade uma *consciência infeliz*, e por isso se coloca em perpétuo antagonismo com as forças conservadoras, mantenedoras do equilíbrio que ele tende a romper”. Portanto isso o transforma, segundo Sartre em um parasita, visto que ele atua contra a ‘elite dirigente’ que é quem o sustenta. Este também seria um papel inútil, visto que esta função seria até mesmo nociva, uma vez que a sociedade tome consciência de si mesma.

A certo ponto então, a literatura agora deixaria de lado seu caráter conservador do qual ao longo de sua trajetória passou pela submissão de modelo escrita cerceado pela igreja, aos dogmas da monarquia, e também da subserviência a burguesia, então agora a “a literatura acaba de se desligar da ideologia religiosa e se recusa a servir a ideologia burguesa assim, coloca-se como independente, por princípio, de qualquer tipo de ideologia.” (SARTRE, 2004, p. 94) e neste instante toma consciência de si e tende a ser uma literatura que liberta, afirma Sartre:

Ele agora concebe a literatura como exercício permanente da generosidade. Ainda se submete ao controle estreito e rigoroso de seus pares, mas vislumbra, abaixo de si, uma expectativa informe e apaixonada, um desejo mais feminino, mais



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

indiferenciado, que o livra daquela censura; ele desencarnou o espiritual e separou a sua própria causa daquela de uma ideologia agonizante; seus livros são livres apelos à liberdade dos leitores. (SARTRE, 2004, p. 86).

Ao conquistar-se essa libertação, a própria literatura transfiguraria em uma ideologia e alcançaria sua autonomia, garantindo assim seu poder de dissertar sobre o que quisesse o artista literário, caberia a ele analisar as circunstância da qual a sociedade necessitaria e assim a faz-la.

O PAPEL DA GUERRA E O INTELECTUAL ENGAJADO

Podemos dizer, que as Guerras foram de fundamental importância para a construção e amadurecimento das ideias sartreanas, como sabemos inúmeros conflitos mundiais aconteceram ao longo do século XX, e Sartre de alguma forma fez partes deles, como: a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) a Guerra da Argélia (1954-1962), Guerra do Vietnã (1955-1975), e a Guerra Fria (1947-1991).

Pode-se notar também, em um análise de escrita e comparação de ideias que István Mészáros divide as fases do desenvolvimento de Sartre em seis principais tópicos. Em primeiro lugar: “Os anos de inocência”, que foi de 1923 ao ano de 1940. Em segundo: “Os anos de heroísmo” de 1941 a 1945. Em terceiro, “A busca da política no código da moralidade” de 1946 a 1950. Em quarto “A busca da moralidade no código da política” de 1951 a 1956. Em quinto “A busca da dialética da história” de 1957 a 1962, e por último, “A descoberta do universal singular” de 1963 em diante.

Podemos notar que em comparativa, a mais icônica obra literária de Sartre, *La Nausée*, foi lançada ainda em seus anos de inocência⁹, visto que fora publicada pela primeira vez pela editora Gallimard no ano de 1938. Notemos, os anos de 1941 até o ano de 1945 foi o considerado por Mészáros como os anos de heroísmo, anos estes que carregam consigo os terrores da Segunda Guerra Mundial. Esta situação de Guerra, de certa forma necessitava de alguma forma de heroísmo. Após o amadurecimento, Sartre publica uma obra chamada *A questão judaica*, que fora escrita no ano de 1944, com os ares da ocupação nazista na França,

⁹ Entre outras obras como: *A teoria do Estado no pensamento francês moderno*. *La légende de la vérité* [A lenda da verdade]. *L'art cinématographique* [Arte cinematográfica]. *La Transcendance de l'Ego* [A transcendência do ego]. *Esquisse d'une théorie des émotions* [Esboço para uma teoria das emoções]. *L'imaginaire* [O imaginário]. Ambas publicadas no período dos anos de inocência de Sartre.



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo



mas seria publicada apenas no ano de 1946. A obra trata de analisar como surgiu e como se encontrava a situação atual do antissemitismo, e por último, de como achar maneiras para acabar com o problema antissemita.

Mas percebamos, temos de levar em suma importância a Segunda Guerra Mundial, sabemos que Sartre foi prisioneiro de guerra entre junho de 1940 a março de 1941. Foi neste período preso que Sartre escreveu sua primeira peça de teatro, intitulada de *Bariona ou Deus do trovão*¹⁰. Segundo Morris, “ela foi encenada na noite de Natal, em 1940, e não apenas despertou o dramaturgo nele, como também o instigou para a necessidade do ativismo político” (2009. p. 29). E que este período em que o filósofo francês ficou em cárcere, foi imprescindível para que ele tivesse posto seu pensamento em luta, de acordo Marius Perrin a peça *Bariona* teria mudado tudo, também, “Sartre ‘pensa que é hora de agir. (...) Ele decidiu deixar sua torre de marfim e mergulhar na luta” (MORRIS, 2009, p. 31).

É questionável, tratando-se de Sartre, que se relacione o ativismo político e o papel do filósofo ou do literário, pela forma singular de Sartre encarar o que são ambos. Mas queremos deixar nítido que este ativismo político, usando da linguagem sartreana, se demonstra no “Intelectual engajado”.

A experiência de Sartre com o aprisionamento na guerra parece ter mudado de alguma forma o seu pensamento, e que subsequentemente transformaria as motivações das pessoas, em especial dos prisioneiros que dividiam cárcere com ele. Era como se ali, naquele momento, pós *Bariona*, tivesse surgido o intelectual engajado, tanto comentado por Sartre após a reclusão.

Após o final da Segunda Guerra Mundial em 1945, é oferecido a Sartre honraria de receber ordem da *Légion d'Honneur*¹¹, esta honraria foi negada por Sartre assim como o prêmio Nobel que ganharia em 1964, bem como a recusa a um lugar entre os 40 imortais da *Académie Française*. Sartre recusaria a honraria. Outrossim neste mesmo momento, já no pós-guerra¹², é que a atuação política de Sartre mostra-se energeticamente ativa. Como afirma

¹⁰ “O resultado, de *Bariona*, é um conto acerca da resistência de aldeões na Judeia contra a ocupação romana – transparentemente um símbolo da França sob ocupação alemã – com a mensagem do Jesus criança na vila vizinha de Belém sendo a de que ‘você é responsável por você mesmo e pelo seu sofrimento’. A peça foi representada pelos prisioneiros, com Sartre no papel de Baltazar” (MORRIS, 2009. p. 31).

¹¹ A Ordem Nacional da Legião de Honra é uma condecoração honorífica francesa.

¹² Cabe lembrar que também no pós guerra, em 30 de outubro de 1948, houve um decreto do Santo Ofício, que colocou no *Index* toda a obra de Sartre



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo



Mészáros “a participação direta de Jean-Paul Sartre na política tornou-se irreconhecível [...] Depois da guerra, o papel assumido por ele na política só poderia ser descrito como ainda mais proeminente ativo” (MÉSZÁROS, 2012, p. 221), cada vez mais o intelectual engajado.

Este cenário catastrófico da Segunda Guerra Mundial parecia dar a Sartre todas as ferramentas necessárias para desenvolver seu pensamento e escrita, que fosse marxista existencialista, mas que se preocupava com o sujeito em si e para si em sua situação atual, da qual se encontra, o que de certa forma para a época renovava o debate entre estrutura e sujeito no entre e Pós-Guerra.

A LITERATURA E O HOMEM

Sartre sofrera muitas críticas em vida e posterior a ela, ele acalorou os debates intelectuais em sua era, com sua forma única de pensamento, que provocou incômodos em inúmeras pessoas e grupos na França, desde conservadores à comunistas, sem contarmos a Igreja Católica¹³, intelectuais e assim também foi com escritores literários que o acusavam de disseminar sua filosofia, seus pensamentos e atitudes políticas em suas obras de literatura. Sartre deixa também bem claro em seu texto *Questões de método* que o ativismo político e o papel do filósofo e escritor se relacionam, visto pela forma singular de Sartre encarar o que é ser um filósofo e o que é uma filosofia, que como demonstramos acima se demonstra na figura do intelectual engajado. Como pudemos ver no segundo capítulo deste trabalho onde expúnhamos que o literário, analisa a sociedade de onde está inserido e cria sua obra a partir da necessidade do momento da mesma.

Neste estudo fizemos uma construção da relação entre a literatura, escritor, sua obra e seu público. Pudemos notar que, tanto escritor, quanto o leitor interdependem um do outro para que assim a dinâmica da compreensão de liberdade de ambos possa acontecer uma vez que não se pode escrever sem ter um público para consumir a literatura escrita.

A partir do momento que há a compressão por parte do escritor do público que a obra exige, é que a literatura faz o seu papel, ou seja, o público é criado pelas circunstâncias

¹³ Sartre fora perseguido, como dito, por inúmeros grupos. Alguns o ameaçavam de morte, saindo em passeatas nas ruas gritando morte a Sartre. Em certo momento, isso foi levado tão a sério que tentaram explodir o apartamento de Sartre, na rua Bonaparte 42. Felizmente nada aconteceu a Sartre em relação a ferimentos neste episódio.



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

históricas do momento da escrita, como dito o literário escreve para todos, mas é lido apenas por alguns.

Então a interpretação sartreana de literatura ainda tem alguns pontos dos quais podemos utilizá-los contemporaneamente, como a questão do engajamento dentro da obra literária, ainda contribui Silva “o engajamento deve ser pensado a partir de tudo que nos falta para realizar a ideia de literatura e a ideia de sociedade, num regime de reciprocidade definido pela liberdade a condição da transitividade é a reciprocidade das liberdades”. (2006, p. 74).

A toda esta dinâmica entre a literatura, o escritor e o leitor, podemos notar também a literatura de certa forma carrega consigo uma função social em seu amago, “Mas, também como vimos, essa função é cumprida conscientemente na medida em que a prosa literária fale o mais diretamente possível acerca do tempo e do espaço historicamente compartilhados” (SILVA, 2004, p. 80). A literatura para tornar-se de fato deve além de fazer um apelo a liberdade, que é justificada quando cumpre uma função social de engajamento do escritor.

Quando a literatura toma consciência de si, que ela mesma é o meio, ela cumpre seu papel principal, que é o homem exercendo a função de liberdade no mundo. Por isso a literatura deve ser escrita para a situação contemporânea do homem no mundo, quando o literato assim a faz a literatura consegue cumprir seu papel.

REFERÊNCIAS

ARRON, Raymond. *De uma sagrada família a outra - ensaios sobre os marxismos imaginários*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

BELO, Renato dos Santos. Notas sobre a relação entre marxismo e existencialismo em Sartre. *Cadernos De Ética e Filosofia Política*, 2 (13), pp. 57-66. 2008. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/83383>.

CASTRO, Fabio, L; NORBERTO, Marcelo, S. *Sartre hoje – volume 1*. Porto Alegre: Editora Fi, 2017a.

_____. *Sartre hoje – volume 2*. Porto Alegre: Editora Fi, 2017b.

COX, Gary. *Compreender Sartre*. Editora Vozes 2006.

ENTREVISTA a Jean Paul Sartre, 1967. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9ILS67A_eFk&t=211s. Acesso em: 28 fevereiro. 2023.



13 a 16 de junho
Evento Online



III Seminário Internacional de História e Educação: Democracia e Cidadania em Tempos de Neoconservadorismo

CEEINTER
CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

FIGURELI, Roberto. *Sartre e a literatura engajada*. Curitiba: Letras, 1987.

HILGERT, H. L. Questões de Método filosofia e literatura em Sartre. *Analytica*, v. 22, n.1, p. 221-246. 2018.

MÉSZÁROS, István, *A obra de Sartre – busca da liberdade e desafio da história*. São Paulo: Boitempo, 2012.

MORRIS, Katherine J. *Sartre Introdução*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SAAS, S. D. A noção de projeto na psicanálise existencial de Sartre. *Revista Limiar*, 2(4), 105-125. 2019. <https://doi.org/10.34024/limiar.2015.v2.9259>.

SARTRE, Jean-Paul. *As questões de método*. Rio de Janeiro: DP&A 2002b.

SARTRE, Jean-Paul. *Crítica da razão dialética*. Rio de Janeiro: DP&A 2002a.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura*: São Paulo, Editora Ática. 2004.

SILVA, Franklin-Leopoldo. *Literatura e Experiência Histórica em Sartre: o engajamento*. Curitiba, São Carlos, vol. 3, n. 2, p.69-81, outubro, 2006

VIANA, Claudio-Pires. *Sartre e a literatura: imaginação, engajamento e liberdade*. Perspectivas - Revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFT - v. 5, n. 2, 2020.